



## O processo Acadêmico no Surgimento de uma Pesquisa em Comunicação Comunitária<sup>1</sup>

Otávio José Klein<sup>2</sup>  
Universidade de Passo Fundo, RS

### Resumo

O presente texto é uma pesquisa documental e bibliográfica que reúne informações sobre os antecedentes de uma pesquisa em Comunicação Comunitária. Trata dos processos acadêmicos na Faculdade de Artes e Comunicação (FAC) da Universidade de Passo Fundo (UPF) no Rio Grande do Sul, em torno de um dos objetos de estudo ainda pouco destacado em Ciências da Comunicação. Depois de uma fundamentação teórica o texto descreve a trajetória da disciplina de Comunicação Comunitária no Curso de Comunicação Social, os Fóruns de Comunicação Comunitária e um Curso de Rádios Comunitárias que desembocaram numa pesquisa sobre mídias comunitárias, que se encontra em seus primeiros passos. O trabalho apresenta a concretização da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

**Palavras-chave:** Comunicação Comunitária; Ensino; Pesquisa; Extensão; Fórum de Comunicação Comunitária.

As pesquisas em comunicação, voltadas para os meios de comunicação ou mídias, privilegiam como objetos de estudo aqueles que dizem respeito aos meios tradicionais de comunicação de massa e entre eles, aqueles do sistema hegemônico de comunicação. São ainda poucos os estudos que se voltam para a comunicação estatal e menos ainda os que se ocupam das mídias públicas, também denominadas de mídias comunitárias. No Brasil podemos destacar dois centros de estudo e difusão de conhecimento que se dedicam à comunicação comunitária. Um deles na Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (Umesp) e o outro, no Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 GP “Comunicação para a cidadania”, no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife – PE – 02 à 06 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Universidade de Passo Fundo – RS, graduado em filosofia, mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e Comunicação Social pela UMESP e doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS de São Leopoldo – RS.



Seguindo na esteira da formulação teórica em Comunicação Comunitária apresentamos, inicialmente, uma rápida revisão sobre os conceitos de sociedade civil, comunidade, Comunicação Comunitária e mídias comunitárias.

O conceito de sociedade civil foi amplamente estudado por Gohn (2005) que afirma haver um certo consenso de que, sociedade civil é compreendida como o “aperfeiçoamento dos processos deliberativos democráticos, para criar mais espaço público”. O significado do conceito sociedade civil tem evoluído desde Aristóteles, passando por Hobbes, Locke, Kant, Rousseau, Hegel e Marx. Nos últimos tempos, especialmente na América Latina tem sido dominante a utilização da compreensão de sociedade civil de Antônio Gramsci, filósofo italiano do século XX, que via a sociedade civil como o espaço da cultura, como lugar importante da hegemonia de uma classe sobre a outra, papel que até então, entre os marxistas, era somente da economia. Ele vê a sociedade civil, situada na superestrutura social, como tendo um papel importante nas mudanças necessárias na sociedade política. Para Gramsci, a sociedade civil, junto com a sociedade do capital (economia, mercado) e a sociedade política constitui um determinado bloco histórico.

Nas últimas décadas do século XX a reformulação do liberalismo econômico em neoliberalismo, a partir da Inglaterra e dos Estados Unidos da América, conduziu para uma forma de sociedade globalizada com supremacia da sociedade do capital, reduzindo a força do estado e fazendo da sociedade civil uma simples coadjuvante do estado enfraquecido. Ambos deixam de ter o papel de realizar mudanças sociais, pois enfim, “o fim da história” já teria chegado. A sociedade civil perde assim a sua força transformadora e parte dela, aquele setor mais alinhado com a visão de mundo neoliberalizante, passa a ter a função de gerir recursos públicos e realizando ações suplementares do estado. Esse processo foi denominado de terceirização, momento em que estava em processo a mudança da denominação da sociedade civil para terceiro setor. Com isso não modificava somente a denominação, mas também o papel da sociedade civil. Ou seja, onde antes eram gestadas as mudanças para serem implementadas na sociedade política, agora passa ser simples lugar para a execução da vontade do capital, que domina o estado e faz da sociedade uma simples coadjuvante do processo do capital. Na América Latina, porém, a ampla articulação social com características populares não se subverteu e em diversos países o modelo neoliberal foi colocado em cheque.



A comunidade, em linhas gerais, diz respeito à vida comunitária. Mas, o que é a vida comunitária? Raquel Paiva (2003) refere que esta questão já foi preocupação menor, mas hoje é temática, cuja preocupação alcança o global. Diz ela que “vêm-se sem assombro, nos quatro cantos do planeta, os mais respeitados teóricos do momento, das mais variadas áreas de pensamento, confluírem na direção da valorização das estruturas de vinculação e pertencimento” (PAIVA, 2003, p. 10). Antes disso, autores como Tönnies no século XIX, segundo a autora, com a sua distinção entre comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*) propôs o debate sobre a temática. Ele considerava a primeira um agrupamento de indivíduos, estabelecido por laços naturais ou espontâneos, objetivos comuns e espírito de cooperação e a segunda, ao contrário, estaria vinculada a convenções externas, sendo regimentada por uma vontade racional ou arbitrária, que faria com que os indivíduos privilegiassem seus interesses particulares.

Outras compreensões do que seja comunidade podemos encontrar em Vattimo (2003) que se refere negativamente a ela dizendo que ainda existem visões de comunidade no sentido tradicional, conforme Simmel, originárias da idade média, em que a comunidade absorve completamente o indivíduo e tudo gira ao redor da família, o que tira em muito da liberdade e da autonomia do sujeito. Outra discussão feita por Baumann (2003) remete a comunidade como o lugar da perda da liberdade, porém, o lugar da garantia da segurança. Ele expressa assim o seu pensamento sobre este debate dizendo que a:

promoção da segurança sempre requer o sacrifício da liberdade, enquanto esta só pode ser ampliada à custa da segurança. Mas segurança sem liberdade equivale a escravidão; e a liberdade sem segurança equivale a estar perdido e abandonado. (...) a segurança sacrificada em nome da liberdade tende a ser a segurança dos outros; e a liberdade sacrificada em nome da segurança tende a ser a liberdade dos outros (2003, p. 24).

Porém, o mesmo autor, em suas análises da sociedade moderna atesta o seu enfraquecimento, no que diz respeito a sua organização social, sendo dele o jargão “modernidade líquida” onde segundo ele, as comunidades passam a ter uma característica que ele denomina de “estética”. Seriam aquelas que se articulam a partir de gostos e aparências possuindo uma fluidez que faz com que hoje existam e amanhã deixam de existir.



Stuart Hall, citado por RIBEIRO (2004) aponta para outro tipo de comunidade, que passa a se fortalecer nesta nova tendência da sociedade globalizada que são as étnico-culturais, que visam fortalecer a sua identidade numa sociedade que impõe de fora para dentro outro tipo de identidades.

Um sentido de comunidade fortemente presente na América Latina é aquele que diz respeito às organizações sociais que buscam sua inserção nos espaços de decisão atuando e ampliando o espaço público na perspectiva apontada por Habermas (1997) em sua teoria da ação comunicativa. Para ele essas comunidades são denominadas de “comunidades jurídicas”, pois buscam a soberania popular através de ações que viabilizam os seus objetivos. Neste mesmo sentido aponta Muniz Sodré (2003), dizendo que a comunidade “tem uma significação mobilizadora de mudança social” (p. 17) e a partir dela é “possível reprojeter comunitariamente o futuro” (p. 18).

Para Raquel Paiva (2003, p. 26) a “comunidade é palavra posta no centro da nova forma da questão social, esta em que a sociedade aparece extremamente bipolarizada em matéria de classes sociais – muito ricos/muito pobres, privilegiados/despossuídos” (p. 20). Trata-se de “um novo sujeito coletivo” que se articula e produz “comunicação a partir de uma experiência comum, fora dos grandes circuitos do capital” (p. 10).

Comunicação Comunitária é a comunicação que ocorre nas comunidades e entre elas, mas também pode ser aquela que se dá a partir delas ou mesmo voltada para elas. Neste sentido é importante a explicitação do que está em análise. Para Cicília Peruzzo (2010), “comunicação comunitária diz respeito a um processo comunicativo que requer o envolvimento das pessoas de uma comunidade, não apenas como receptoras de mensagens, mas como protagonistas dos conteúdos e da gestão dos meios de comunicação”.

Peruzzo traz as contribuições de diversos autores latino-americanos sobre comunicação comunitária. Um deles é Gilberto Gimenez, autor mexicano que diz que a “comunicação comunitária implica a quebra da lógica da dominação, e se dá, não a partir de cima, mas a partir do povo, compartilhando dentro do possível seus próprios códigos”. Outro que, segundo Peruzzo (2010) buscou uma definição para essa comunicação específica é Mário Kaplun, estudioso uruguaio. Diz ele, que se trata de “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista. Os meios de comunicação são instrumentos para uma educação popular como alimentadores de um processo educativo transformador”. Ainda segundo ela,



Regina Festa, brasileira, define este tipo de comunicação como comunicação popular, dizendo que “nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais, mas sobretudo, da emergência do movimento operário e sindical, tanto na cidade como no campo e se refere ao modo de expressão das classes populares”.

Para Raquel Paiva (2003, p. 26) “a proposta da comunicação comunitária passa necessariamente pela revisão do conceito de comunidade, bem como pela análise da possibilidade de inserção dessa estrutura na atualidade”. Segundo ela, “a proposta comunitária surge como nova possibilidade de sociabilização, com o propósito de fazer frente ao modelo econômico em que o número de excluídos parece cada vez mais ampliado” (PAIVA, 2003, p. 26).

Para pensar em mídias comunitárias voltamos para o conceito de canal definido por Shannon & Weaver em 1949, em seu modelo matemático ou informacional. Mais tarde ele passou a ser definido como “meio” por muitos autores, que alargaram o seu significado posteriormente.

No contexto das teorias dos *mass media*, o sentido de meio – bem mais amplo do que aquele que o toma como sinônimo ou algo próximo de canal – foi se alargando para abarcar todos os meios de comunicação de massa. A partir disso, ‘meio’ passou a significar meio de comunicação massiva, referindo-se aos traços distintivos do rádio, cinema, da televisão, fotografia, dos quadrinhos, do livro, das revistas ou outros meios de comunicação de massa. (...) Gradativamente os ‘meios’ foram deixando de significar meramente ‘meios de transmissão de informação’ para serem considerados como intermediários nas relações sociais (SANTAELLA; NÖTH, 2004, pp. 58-59).

Com McLuhan (2006) e sua idéia dos “meios como extensões do homem” o termo ‘meio’ passou a se referir a todos os meios de comunicação: oralidade, os meios impressos e os meios de comunicação de massa. Segundo ele, os meios de comunicação estão ligados a transformações antropológicas que são introduzidas por cada inovação tecnológica e comunicacional.

A proliferação das mídias, a sua crescente hibridização e o crescimento exacerbado das produções culturais, entre outras conseqüências dos meios na sociedade, fez com que em meados dos anos 90 a expressão “meios de comunicação de massa” fosse sendo crescentemente substituída pelo termo mais genérico “mídias”. O que segundo Santaella e Nöth (2004) fez com que no Brasil, tal termo se tornasse uma



vedete dos discursos comunicacionais, sem muitas vezes dizer claramente o que realmente importa.

Martin-Barbero (2009) distingue o que são para ele meios alternativos, meios comunitários e meios cidadãos. Os meios alternativos são aqueles pequenos e que significam uma alternativa aos grandes meios comprometidos e entregues ao imperialismo. Os comunitários já significam a democratização interna dos meios com a participação do povo. Enquanto os meios cidadãos para ele são aqueles que falam da vida do bairro, do município, olham para o país, têm coisas a dizer ao país. Trata-se de expressão da vida cotidiana das pessoas, de um bairro, de um município, da zona mais dura da guerra, mas interpelando o país.

O conceito de mídia comunitária, nesta pesquisa busca designar os meios de comunicação utilizados pelas comunidades ou organizações sociais que podem ser classificadas como pertencentes à sociedade civil. As mídias contempladas nesta fase da pesquisa são as impressas (jornais, revistas, boletins...) os radiofônicos (rádios comunitárias) e televisivos. Outras mídias não integram a pesquisa nesta fase.

A pesquisa que estamos propondo surgiu a partir de vários processos de ensino e extensão que ocorreram no Curso de Comunicação Social da UPF. Apresentamos em seguida a trajetória da disciplina de Comunicação Comunitária no curso, os Fóruns de Comunicação Comunitária e um Curso de Rádio Comunitária.

## **1. A comunicação comunitária no ensino**

O curso de Comunicação Social, com habilitações em Radialismo, Publicidade e Propaganda e Jornalismo na UPF<sup>3</sup> teve o seu início em 1996. Nos currículos propostos inicialmente para as diferentes habilitações a disciplina de Comunicação Comunitária aparece como obrigatória no VIII nível. Na Habilitação em Radialismo a Comunicação Comunitária constituiu a grade curricular como disciplina obrigatória durante os anos de sua existência na FAC entre os anos 1996 e 2002, porém, na Habilitação em Publicidade e Propaganda a disciplina passou por três modalidades de oferecimento. No início ela foi obrigatória, passando a ser extinta numa segunda versão da grade curricular, voltando na terceira versão como optativa/eletiva.

---

<sup>3</sup> Conforme consulta aos currículos do Curso de Comunicação Social: nº 890 na Habilitação em Radialismo; 891, 2595, 3608 e 3846 na Habilitação em Publicidade e Propaganda; 889, 2811, 2994, 3001, 3607 e 3845 na Habilitação em Jornalismo.



Na Habilitação em Jornalismo a disciplina de Comunicação Comunitária passou por duas fases diferentes. Nos primeiros anos do curso ela foi obrigatória, passando nos anos seguintes, com uma nova grade curricular, a partir de 2002, a ser optativa/eletiva. Desde então a disciplina vem sendo escolhida por mais de 80% das turmas na habilitação em Jornalismo.

## **2. Fóruns de Comunicação Comunitária na academia<sup>4</sup>**

A partir do ensino na disciplina de Comunicação Comunitária, desde o ano de 2006, ocorreram quatro eventos na Universidade de Passo Fundo que foram denominados de Fóruns de Comunicação Comunitária. Todos eles visaram colocar lado a lado professores, estudantes dos cursos de Comunicação Social e organismos da sociedade civil, que possuíam a prática da comunicação comunitária.

Os eventos foram todos propostos no programa da disciplina de Comunicação Comunitária oferecida na habilitação em Jornalismo. A preparação e coordenação dos quatro eventos foram assumidos pelos alunos da disciplina, juntamente com o professor, privilegiando para isso o espaço da sala de aula. Todos eles ocorreram possibilitando aos alunos, também, a experiência da extensão na sua formação universitária.

### **2.1. Primeiro Fórum de Comunicação Comunitária**

O primeiro evento ocorreu no dia 22 de julho de 2006, na disciplina de Comunicação Comunitária, que ocorreu por ocasião de uma turma especial, na disciplina, durante o período de recesso no mês de julho<sup>5</sup>. O tema do fórum foi “as práticas de comunicação comunitária”. Metodologicamente as discussões ocorreram a partir de painéis com representantes da sociedade civil sobre as práticas de comunicação existentes e um painel com professores<sup>6</sup>, especialistas em mídias comunitárias, com propostas de encaminhamentos no encerramento do evento.

---

<sup>4</sup> Conforme relatórios dos Fóruns de Comunicação Comunitária da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo.

<sup>5</sup> Os organizadores do 1º Fórum foram: Alecsander da Silva Portílio, Alessandra da Silveira Zanata, Amanda Rezende Busato, Ana Paula Nonnenmacher, Ane Müller, Cassia Lopes Barbosa, Clarissa Fogliarini Soldara, Cristiane Teixeira Fernandes, Fernanda Rocha Nery, Giovana Santana Carlos, Jaderson de Quadros Pires, Juliano Cesar Novello, Mauro Matesco, Rafael Trindade da Silva, Vanessa Vitória.

<sup>6</sup> Participaram os professores: César Augusto Azevedo dos Santos, Amilton Rodrigo de Quadros Martins e Otavio José Klein.





O objetivo principal do evento foi “realizar um Fórum de Comunicação Comunitária integrando alunos e professores da Universidade de Passo Fundo, com as lideranças comunitárias a partir de preocupações ligadas à Comunicação”.

A principal conclusão do fórum foi da existência de uma riqueza prática e teórica em Comunicação Comunitária que precisa de mais espaço na academia para ser refletida.

## 2.2. Segundo Fórum de Comunicação Comunitária

O segundo fórum ocorreu no ano seguinte, no dia 19 de junho de 2007<sup>7</sup>, para dar continuidade ao processo de reflexão<sup>8</sup>. O tema central foi “a televisão comunitária em Passo Fundo”. Metodologicamente os painéis foram novamente a escolha para o evento: um painel com professores<sup>9</sup> sobre a legislação que disponibiliza canal para entidades comunitárias, e alunos<sup>10</sup> sobre as práticas de televisão comunitária existentes no Brasil. Outro passo do fórum foi a proposição de caminhos para que a sociedade civil de Passo Fundo possa utilizar o canal disponível na TV a Cabo existente na cidade.

As conclusões do evento foram diversas: em primeiro lugar, podemos destacar a surpresa manifestada pela maioria sobre a existência dessa possibilidade concreta de televisão comunitária em Passo Fundo e que não vem sendo utilizada; em segundo lugar, várias participações foram no sentido da importância de uma televisão onde o povo possa falar e se ver. Na televisão existente existe muita seleção daquilo que vai

---

<sup>7</sup> Entidades que tiveram participação no 2º Fórum: Nação HIP HOP; União da Juventude Socialista (UJS); União Brasileira de Mulheres (UBM); Centro Diocesano de Pastoral; Delegacia do Sindicato dos Jornalistas de Passo Fundo; Assessoria de Imprensa do Escritório Regional da Emater; Assessoria de Imprensa da UPF; Associação de Moradores do Loteamento Santo Afonso; Programa “Onde Você Mora”; Faculdade de Artes e Comunicação da UPF; Diretório de Estudantes da FAC. Outras entidades que se manifestaram, porém não puderam participar: Grupo Ecológico Guardiões da Vida; Feira do Livro de Passo Fundo; Compasso; Cpers/Sindicato de Passo Fundo.

<sup>8</sup> Organizadores do encontro foram os discentes: Bruna Schneider Scolari; Cátia Andreia Dörr; Clarissa Ganzer; Daniela Balbinot; Diego Bortolamedi; Eduardo Aguirre Marini; Fabiano Pase; Fernanda Schena; Kelly Begnini Delazeri; Laerte Magnus Haupenthal; Luana da Silva Scortegagna; Marcelo Sperling; Mariliane Elisa Cassel; Mateus Barato; Natália Dalago Bohrer; Roberta Inês Salinet; Tiago Barreto Trevisol; Waldemar Damo.

<sup>9</sup> Bibiana de Paula Friderichs destacou a importância da participação da sociedade no fazer televisão em Passo Fundo, pois até o momento essa oportunidade só foi concedida para empresas comerciais, algumas instituições do Estado e a Universidade. Em seguida o Prof. Otavio José Klein discorreu sobre a luta das organizações da sociedade civil brasileira na busca de políticas para o acesso a concessões de televisão. Apresentou a influência da sociedade, através das suas organizações, no capítulo sobre a Comunicação Social na Constituição Brasileira. Falou também da lei da TV a Cabo, de 1995, que possibilita a televisão comunitária no país, mas até o momento, não há televisão comunitária.

<sup>10</sup> Fabiano Pase apresentou a experiência da TV Comunitária de Porto Alegre; Natália Dalago Bohrer relatou a experiência da TV Comunitária no RJ; Roberta Inês Salinet a experiência da TV Comunitária de São Paulo.





para o ar e o que o povo organizado gostaria que fosse mostrado, não aparece. Foi destacada também a ausência de muitas entidades que ainda não perceberam a importância de uma televisão para a sociedade civil; em terceiro lugar, os participantes apontaram para a necessidade de apoio da Universidade de Passo Fundo, através dos cursos de Comunicação Social da Faculdade de Artes e Comunicação, para a concretização de um projeto desta envergadura. Os professores e alunos da FAC têm um papel importante e também uma responsabilidade em ajudar as organizações da sociedade concretizar a sua televisão; em último lugar os participantes do Fórum constituíram uma Comissão Provisória para que sejam dados os próximos passos tendo em vista à constituição do Canal Comunitário de Televisão em Passo Fundo. Várias pessoas que integram as organizações da sociedade civil constituíram uma comissão<sup>11</sup> para dar continuidade ao processo. Ficou ainda acertado que as entidades que não participaram do fórum poderão entrar em contato com a Comissão para participar dela no processo de constituição da TV Comunitária de Passo Fundo.

### 2.3. Terceiro Fórum de Comunicação Comunitária

O terceiro fórum ocorreu em 19 de maio de 2009, nos moldes dos anteriores<sup>12</sup>. Com o tema “as contribuições da Faculdade de Artes e Comunicação para a Comunicação Comunitária”. A metodologia seguida foi mais uma vez a de painel. No primeiro deles foram apresentados relatos de dois projetos de extensão em Comunicação Comunitária e que contam com participação de alunos do Curso de Comunicação Social. Os projetos apresentados foram “Onde você Mora” e “Educação para a Cidadania”<sup>13</sup>. A segunda rodada de relatos foi feita por membros da sociedade civil que falaram sobre os desafios para os cursos de comunicação a partir das necessidades da comunicação comunitária<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Entidades participantes da comissão: Faculdade de Artes e Comunicação; Representantes dos alunos de Comunicação; União Brasileira de Mulheres; União da Juventude Socialista; Delegacia do Sindicato dos Jornalistas; Nação HIP HOP; Associação de moradores do loteamento Santo Afonso.

<sup>12</sup> Organizadores do 3º Fórum foram: Cássia Paula Colla, Fábio Luís Rockenbach, João Vicente Kurtz, Julia Bosio Annes, Juliana Vieira, Lucielle Copetti, Maria Teresa de Moraes Weidlich, Mariana Battesini Teixeira, Marina Hoffmann Teles, Patrícia Rosalen, Rodrigo Brunello Dias, Saulo Tiago Covatti dos Santos, Sylvania da Silva de Lemos.

<sup>13</sup> Apresentados por duas egressas dos Cursos de Comunicação: Bibiana de Paula Friderichs e Fabiana Beltrami.

<sup>14</sup> Falaram, em nome da União das Associações de Moradores de Passo Fundo (Uampaf) Saúl Spinelli, em nome do Movimento das Mulheres Camponesas do Brasil, Luciana Piovesan e em nome do movimento de Rádios Comunitárias, Dagmar Camargo.



#### 2.4. Quarto Fórum de Comunicação Comunitária

O quarto fórum ocorreu no dia 11 de maio de 2010<sup>15</sup>. Esta edição ocorreu durante os dias da realização da Semana Acadêmica da Comunicação e contou também com a participação do Diretório Acadêmico da FAC e do DCE da Universidade. O objetivo foi “expor experiências de comunicação comunitária em desenvolvimento em Passo Fundo e ampliar a discussão sobre este tipo de comunicação no município e região do Planalto Médio do Rio Grande do Sul”. Ocorreram três painéis sobre as práticas de comunicação comunitária em Jornal, Rádio e Televisão<sup>16</sup>.

No encerramento do Fórum foi apresentado um projeto de pesquisa<sup>17</sup> sobre Mídias comunitárias em Passo Fundo.

#### 2.5. Conclusões dos fóruns

Após a realização de quatro eventos podem ser apontadas as seguintes conclusões ou contribuições dos mesmos: eles foram um espaço de participação da comunidade acadêmica e da sociedade civil através de metodologias e técnicas apropriadas (painéis e debates); possibilitaram um envolvimento social (extensão) dos acadêmicos exercitando a organização e coordenação de projetos sociais; comprometeram os dirigentes acadêmicos na perspectiva de olhar para a comunicação além do hegemônico mercadológico; possibilitaram a proposição e encaminhamento de ações no campo comunicacional comunitário; comprometeram o curso para contribuir com a sociedade civil, o que oportunizou o surgimento de um Curso de Extensão para a formação de lideranças para as Rádios Comunitárias na região; inspiraram o surgimento da pesquisa em Comunicação Comunitária.

---

<sup>15</sup> Organizadores do 4º Fórum foram: Adriano Daniel Pasqualotti, Álvaro Widal Henkes, Amanda Schneider de Arruda, Angelita Carine da Luz, Daniel Vieira Gomes, Diego da Silva Regio, Dieli Rodrigues Mattje, Felipe de Castro Bicca, Fernanda Rüntzel da Costa, Grazielle Linhares, Ismael Felipe Hepp, Carina de Almeida Rigo, Marcos dos Reis, Mariana Pessini Mezzaroba, Marina de Campos, Rejane Pasqualotto, Taiane Karnopp, Tainá Biazus dos Santos, Verônica Cristina Ramos Faquin.

<sup>16</sup> No primeiro painel foi relatada a experiência do jornal do Sindicato dos Servidores Municipais de Passo Fundo, o Simpasso. O segundo painel contou com a coordenadora de um dos grupos que está pleiteando a segunda rádio comunitária de Passo Fundo, Dagmar Camargo, e com o coordenador da 1ª rádio comunitária de Passo Fundo Rádio Igaí FM (na data, com quatro semanas de existência), Rui Simão Fávero. No último painel o presidente do Sindicato dos Comerciantes de Passo Fundo, Tarciel da Silva, falou a respeito do processo de construção da televisão comunitária na cidade.

<sup>17</sup> O projeto foi apresentado pelo pesquisador Otavio José Klein professor de Comunicação Comunitária no Curso de Comunicação Social da Universidade de Passo Fundo.



### **3. Curso de Rádio Comunitária**

O Curso para Rádios Comunitárias surgiu a partir da aproximação de alguns professores e alunos com as práticas radiofônicas comunitárias na região de abrangência da Universidade de Passo Fundo, principalmente através dos Fóruns de Comunicação Comunitária, mas também pelo engajamento social dos mesmos. Surgiu para contribuir com a sociedade civil visando sanar as carências e necessidades dos grupos populares que já haviam conseguido a concessão do canal comunitário e outros em processo de concessão e as práticas sociais populares.

As justificativas apresentadas para a realização do mesmo foram o grande número, aproximadamente duas dezenas comunidades, que já possuíam ou ainda estavam pleiteando canais de Rádios Comunitárias, e a real possibilidade de contribuição da Universidade de Passo Fundo com a sociedade civil, qualificando as práticas comunicacionais radiofônicas existentes nestas comunidades. Essa recordava o nascedouro da universidade de Passo Fundo que em 1968 nascia de um esforço comunitário regional.

Os objetivos propostos foram: contribuir com a formação de militantes e trabalhadores de rádios comunitárias nas comunidades da região de abrangência da Universidade de Passo Fundo; oferecer um curso para os integrantes das rádios comunitárias na região; capacitar militantes e trabalhadores para a gestão e operação das emissoras.

A metodologia privilegiou a realização dos cursos nas próprias comunidades onde existem os grupos pretendentes na emissão radiofônica comunitária. A modalidade oferecida foi de quatro módulos de cinco horas cada um buscando aprofundar questões-chave da radiodifusão comunitária: História, políticas de comunicação e ética profissional; programação radiofônica, dos gêneros aos conteúdos; linguagem e produção radiofônica; rádio comunitária e as comunidades.

Esse projeto está em andamento e possui a possibilidade concreta de as comunidades acessarem a formação básica em radiodifusão comunitária. Até o momento duas turmas acessaram a formação oferecida. Uma delas na cidade de Marau, vinculada a emissora comunitária na cidade e outra em Passo Fundo, vinculado a um grupo de instituições comunitárias que pleiteiam um canal comunitário, porém, possibilitaram a participação de lideranças de outras cinco emissoras comunitárias já existentes na região.



#### 4. Pesquisa sobre mídias comunitárias

O quarto passo na perspectiva de dinamizar e ampliar os conhecimentos em Comunicação Comunitária foi o nascimento e concretização de uma pesquisa sobre as mídias comunitárias em Passo Fundo.

Essa pesquisa terá o envolvimento direto de um professor e um grupo de alunos do Curso de Comunicação Social com o objetivo principal de conhecer o universo das mídias comunitárias em Passo Fundo. Visando fazer um inventário das mídias comunitárias existentes no município de Passo Fundo; contribuir para o registro da história da comunicação comunitária: mídia impressa que já existe de longa data; mídia radiofônica; e televisão comunitária que experimentará a sua instalação, provavelmente, no período da pesquisa; analisar as práticas midiático-comunitárias em Passo Fundo; contribuir com a pesquisa em Comunicação Regional a cuja linha de pesquisa encontra-se vinculada.

A principal justificativa para a pesquisa é a importância das mídias comunitárias na comunicação em Passo Fundo, pela sua capilaridade, grande número de veículos e envolvimento de muitas pessoas. Essa realidade midiática carece de registro havendo pouca documentação organizada a respeito. As mídias, radiofônica e televisiva encontram-se em fase de implantação, o que possibilita contribuir diretamente com o registro da história que está acontecendo no período do desenvolvimento da pesquisa.

A metodologia consiste em uma pesquisa documental visando constituir um registro histórico das mídias comunitárias em Passo Fundo, para isso são consideradas as mídias comunitárias: impressa, radiofônica, e televisiva.

A pesquisa encontra-se na fase da coleta de dados e para isso conta com a participação de 13 colaboradores<sup>18</sup>, dos quais 12 discentes e um egresso do Curso de Comunicação Social. Este grupo, juntamente com o pesquisador responsável está também organizando o V Fórum da Comunicação Comunitária que terá como temática central a Pesquisa em Comunicação Comunitária e tem a previsão de ocorrer em novembro de 2011.

---

<sup>18</sup> Afonso Gobbi Rodrigues; Álvaro Damini; Bruno Herrmann Leite; Camila Callegari Novello; Chantéle Fiúza Gaspar; Daniel dos Santos; Jéssica Rodrigues França; Mariana Fontanive Zart; Mariel Maitê Manzke; Raquel Tramontini dos Santos; Silvânia da Silva de Lemos; Vanessa Soccol; e Victória Tubino Holzbach. Três deles são também orientandos do coordenador da pesquisa no Programa de Iniciação Voluntária à Pesquisa Científica (PIVIC) e quatro deles foram ou já estão definidos como orientandos nos seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).



## Referências

- BAUMAN, Sygmont. **Comunidade** – a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar. 2003
- BRASIL. Lei 8.977, de 6 de janeiro de 1995 – **TV a Cabo no Brasil**. In: SANTOS, Reinaldo. Vade-Mécum da Comunicação. 12<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Destaque. 1998.
- BRASIL. Lei 9.612, de 19 de fevereiro de 1998 – **Serviço de Radiodifusão Comunitária**. In: SANTOS, Reinaldo. Vade-Mécum da Comunicação. 12<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Destaque. 1998.
- COELHO NETO, Armando. **Rádio Comunitária não é crime** – direito de antena: o espectro eletromagnético como um bem difuso. São Paulo: Ícone, 2002
- COGO, Denise. **No ar... uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas. 1998
- DORNELLES, Beatriz. **Jornalismo “comunitário” em cidades do interior** – uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores. Porto Alegre: Sagra/Luzatto. 2004.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de La acción comunicativa**; complementos y estudios previos. 3 ed. Madrid: Cátedra, 1997
- GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005
- GOMES, Pedro Gilberto e KASTER, Irene. **A situação da imprensa católica no Brasil**: carências e necessidades. In: Revista Verso e Reverso. Unisinos. Ano VIII. n 14, 1994.
- GUARESCHI, Pedrinho (coord.). **Comunicação e controle social**. 2ed. Petrópolis: Vozes. 1993
- GUARESCHI, Pedrinho (org.). **Uma nova comunicação é possível** – Mídia, ética e política. 2ed. Porto Alegre: Evangraf. 2003
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Uma aventura epistemológica**. In: Matrizes, ano 2, n. 2, São Paulo: USP, 2009.
- MCLUHAN, Marshall, **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 18 ed. São Paulo: Cultrix, 2006
- PAIVA, Raquel. **O espírito comum** – Comunidade, mídia e globalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 2003.
- PERUZZO, Cicília Maria K. (org.). **Comunicação e culturas populares**. São Paulo: Intercom. 1995
- PERUZZO, Cicília Maria K. **TV Comunitária no Brasil**: Histórico e participação popular na gestão e na programação. In: PERUZZO, Cicília Maria K.(org). Vozes



cidadãs – aspectos teóricos e Análises de Experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina. São Paulo: Angellara. 2004. p. 187-218

PERUZZO, Cícília. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. Disponível em: [WWW.unifra.br/professores/rosana/Cicília+Peruzzo](http://WWW.unifra.br/professores/rosana/Cicília+Peruzzo). Acessado em: 28 de março de 2010.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Comunicação e comunidade** – Teoria e método. São Bernardo do Campo: XIII Congresso da Compôs, 2004

SANTAELLA, Lúcia, **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hackers Editores. 2004

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos** – O vídeo popular no Brasil. São Paulo: Summus editorial. 1989.

SODRÉ, Muniz. **Prefácio à 1ª edição**. In: PAIVA, Raquel. O espírito comum – Comunidade, mídia e globalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 2003.

VATTIMO, Gianni. **Prefácio à 2ª edição**. In: PAIVA, Raquel. O espírito comum – Comunidade, mídia e globalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 2003.

VIZER, Eduardo. **La trama (in)visible de la vida social** – comunicación, sentido y realidad. Buenos Aires: La Crujía. 2003.

WENDHAUSEN, Henrique. **Comunicação e Mediação das ONGs** – Uma leitura a partir do canal comunitário de Porto Alegre. Porto Alegre: Edipucrs. 2003.